

OS DILEMAS DA SALA DE AULA: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR E O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR¹.

Autora: Giselle Carino Lage

Orientadora: Yvonne Maggie

Instituição de vínculo: PPGSA/IFCS/UFRJ

Objetivos:

- Refletir sobre as práticas propostas por professores para melhorar a qualidade do que é ensinado nas salas de aula. Especificamente a partir do acompanhamento de dois projetos desenvolvidos pelos professores da escola pesquisada: o “Construção da Palavra” (pretende ensinar a ler e a escrever a todos os alunos da 1ª série do ensino médio, através de jogos e dinâmicas em equipe) e o “pré-vestibular” (prepara os alunos “interessados” de algumas turmas da 3ª série para prestar o vestibular das universidades públicas).
- Almejo compreender quais os impactos das expectativas dos professores sobre o desempenho escolar dos alunos e sobre o possível prolongamento das trajetórias escolares dos estudantes.
- Procuro também investigar as representações de alunos e professores no que tange à qualidade da escola, a repetência e o acesso ao ensino superior.

Estudo de Caso:

- Realizado numa escola estadual de ensino médio, localizada na zona Norte do RJ, desde julho de 2004. A escola pesquisada foi escolhida em função de ser uma das participantes de um Programa de reforço educacional denominado “Sucesso Escolar”, coordenado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, por ter um alto índice de repetência e baixa proficiência.

Metodologia:

- Observação participante e descrições etnográficas semanais de diversos ambientes e rituais da escola & entrevistas em profundidade com alunos e professores.

Resultados e Conclusões:

- Os dois projetos estudados revelam que a escola estudada, com todas as dificuldades que tem, busca caminhos alternativos às práticas comumente adotadas e que levam ao mau aprendizado e à repetência.
- No projeto “Construção da Palavra” todos os alunos alcançaram os objetivos principais de leitura e escrita, pois ao sugerir aulas que se distanciam do “cuspe e giz” e avaliações mais flexíveis, este projeto pode se apresentar como uma estratégia para estimular os alunos pelo que é ensinado e para conter a *pedagogia da repetência* (Ribeiro, 1991). Já o projeto “pré-vestibular” ao capacitar e estimular os “melhores” alunos, revela que a escola considera a aprovação numa universidade como um objetivo a ser atingido por uma pequena elite. Somente aqueles que queriam participar e que eram “bons alunos” conseguiam se manter nestas turmas.
- Os alunos mais bem sucedidos foram os que apresentaram o perfil típico do “bom aluno”: “esforçados”, “participativos”, “disciplinados”, “realizam as tarefas de casa”, “estudam antes da prova” e àqueles cujos professores acreditavam que eles poderiam aprender.
- A pesquisa revelou que a crença dos professores de que os alunos podem aprender faz a diferença na qualidade do que é ensinado e, conseqüentemente, aprendido.
- Por mais que os professores pareçam acreditar que é o “o interesse” dos alunos que contribui para um bom desempenho, pode-se perceber que são nas relações estabelecidas em sala de aula que os alunos se tornam mais ou menos estimulados a aprender.

Referências Bibliográficas:

- BARBOSA, Livia. Meritocracia à brasileira: o que é desempenho no Brasil? *Revista do Serviço Público*, nº 3, v. 120, ano 47, 1996.
- BARBOSA, M. L. & RANDALL, L. Desigualdades sociais e a formação de expectativas familiares e de professores. *Caderno CRH*. Salvador, v. 17, nº 41, p. 299- 308, 2004.
- DUBET, F. A escola e a exclusão. *Cadernos de pesquisa*, nº 119, pg. 29-45, julho/2003.
- MAGGIE, Y. A escola vista por dentro: Relatório 2006. In: Seminário da Rede Observa.
- MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- RIBEIRO, S. C. A Pedagogia da Repetência. *Estudos Avançados*. USP, v. 5, nº12, p. 7-18, 1991.
- SÁ EARP, M. de L. *A cultura da repetência em escolas cariocas*. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural – PPGSA). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- SCWARTZMAN, S. & OLIVEIRA, J. B. *A escola vista por dentro*. Belo Horizonte: Alfa Educativa Ed., 2002.

¹ Esta página contém o conteúdo textual que será apresentado no painel.

OS DILEMAS DA SALA DE AULA: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR E O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR².

Giselle Carino Lage³

Instituição de vínculo: PPGSA/IFCS/UFRJ

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo apresentar os principais resultados da análise de um estudo de caso etnográfico que realizei numa escola estadual de nível médio, localizada na zona Norte do Rio de Janeiro, desde julho de 2004. Neste estudo, procurei investigar as representações de alunos e professores no que tange à qualidade da escola, a repetência e o acesso ao ensino superior. Busquei também refletir sobre as práticas propostas por alguns professores desta escola a fim de melhorar o desempenho dos alunos nas aulas e aprová-los nas universidades públicas, como é o caso dos “projetos”: *Construção da Palavra* e *pré-vestibular*. Procuro então refletir se tais estratégias podem contribuir para a produção da mobilidade educacional e social, utilizando para tanto, o instrumental teórico-metodológico oferecido pelos estudos antropológicos clássicos, tais como: observação participante e descrições etnográficas de diversos ambientes e rituais da escola.

Palavras-chave:

Qualidade da escola, desempenho escolar e acesso ao ensino superior.

Introdução

Apesar da rápida expansão do sistema de ensino brasileiro atual em todos os níveis, o ensino médio é um dos segmentos que apresentou uma maior ampliação, passando de um pouco mais de 1 milhão de matrículas nos anos 1970 para quase 9 milhões em 2006. De acordo com dados do INEP⁴ (2006), 73% dos alunos brasileiros matriculados no ensino médio foram aprovados. No caso dos alunos matriculados no Rio de Janeiro este número cai para

² “Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil”.

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este trabalho apresenta alguns dos resultados da pesquisa desenvolvida ao longo da minha graduação em Ciências Sociais sob a orientação da antropóloga Yvonne Maggie do Departamento de Antropologia Cultural da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁴ Sinopse estatística da educação básica: Censo Escolar 2006.

71%, de modo que os 29% restantes foram considerados repetentes⁵. O grande desafio apresentado pela escola brasileira nos últimos anos tem sido o de propiciar um ensino de qualidade a todos, através do enfrentamento contínuo das barreiras que atravancam as trajetórias escolares de milhares de alunos.

Neste trabalho, pretendo refletir sobre as práticas propostas por professores para melhorar a qualidade do que é ensinado nas salas de aula. Almejo compreender quais os impactos das expectativas dos professores sobre o desempenho escolar dos alunos e sobre o possível prolongamento das trajetórias escolares dos estudantes. Procuro também investigar as representações de alunos e professores no que tange à qualidade da escola, a repetência e o acesso ao ensino superior.

A discussão proposta é fruto do aprofundamento da análise de um estudo de caso que realize numa escola estadual de nível médio, localizada na zona Norte do Rio de Janeiro, desde julho de 2004. Este estudo é parte integrante da pesquisa orientada pela professora Yvonne Maggie, que acompanha algumas escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro com o intuito de pensar questões relativas à qualidade do sistema educacional brasileiro e como são produzidas concepções sobre raça e justiça social.

Ao longo desse período, utilizei o instrumental teórico-metodológico oferecido pelos estudos antropológicos clássicos (Malinowski, 1984), tais como: observação participante e descrições etnográficas. Realizei trabalho de campo fazendo observação participante na escola ao longo dos semestres letivos desde 2004. Neste período elaborei etnografias nas quais descrevi diversos ambientes e rituais da escola, como as salas de aula e os diversos tipos de aula, a sala dos professores e suas reuniões, além dos rituais que são denominados de conselhos de classe. Realizei também entrevistas em profundidade com alunos e professores, o que me possibilitou uma maior aproximação das suas representações sobre o cotidiano escolar.

A escola pesquisada foi escolhida em função de ser uma das participantes de um Programa de reforço educacional denominado “Sucesso Escolar”, coordenado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, que seria acompanhado pelo nosso núcleo de pesquisa. Um dos objetivos centrais deste Programa Sucesso Escolar era buscar reduzir a repetência e melhorar a proficiência dos estudantes através de aulas de reforço. No presente estudo não pretendo discutir os resultados da pesquisa sobre este Programa da Secretaria de Educação, mas apenas indicá-lo como um dos elementos que contribuíram para a minha entrada no campo⁶.

⁵ Estou considerando como repetência a junção das taxas de reprovação e de abandono.

⁶ Para mais detalhes sobre o acompanhamento do Programa “Sucesso Escolar” ver Maggie (2006).

Na reunião de lançamento do Programa Sucesso Escolar, pude observar duas diretoras fazendo indagações a respeito de como a escola deveria atuar a fim de atrair seus alunos para a sala de aula. Elas se perguntavam como os professores deveriam agir em relação a alunos que apresentam dificuldades de aprendizado além de muitos problemas e conflitos familiares, numa escola que atende a mais de três mil alunos e atua, praticamente, sem o auxílio de coordenadores pedagógicos. Esta inquietação apresentada por essas diretoras me deixou uma pergunta na cabeça: como os professores atuam em sala de aula a fim de estimular o aprendizado de seus alunos?

Ao chegar na escola, me espantei com o seu tamanho. Encontrei uma escola grande, se considerarmos suas dimensões: 5 andares, 2 quadras poli-esportivas e 1 horto, localizado nos fundos do terreno da escola. Pelo que pude observar, os alunos, em sua maioria, são moradores de bairros vizinhos, e até mesmo, distantes, já que o colégio é localizado numa região de fácil acesso. Além de um terminal rodoviário localizado em frente à escola, há diversas linhas de ônibus e trem bem próximos. Segundo o INEP Data Escola Brasil (2005), o colégio apresentou 3260 matrículas de alunos, 216 professores e 90 turmas.

Em seguida, conversei com a diretora adjunta sobre vários assuntos relativos à prática pedagógica e o processo de aprendizagem. A diretora confirmou que sua escola apresentava um alto índice de repetência⁷, mas por outro lado, destacou que, estamos tratando de uma “boa escola”:

“Nossos alunos enfrentam muitas dificuldades. Eles chegam aqui mal sabendo ler e escrever. Mas, nós tentamos ajudar. Uma “boa escola” é a que funciona.. que tem merenda e “projetos” como os nossos... Nossa professora de português elaborou um projeto especial, de modo que ela ensina os alunos a ler e a escrever com prazer. Eles simplesmente aprendem. O professor de biologia também está com um projeto de meio-ambiente na escola, que envolve reciclagem e o contato direto com o horto que temos próximo ao pátio... Os nossos professores fazem o nosso diferencial... Nós não temos uma formação direta para o mercado de trabalho, mas nós incentivamos nossos alunos a entrarem na universidade. Temos até um projeto pré-vestibular...”

Em seguida, fui apresentada à professora de português, que me convidou para assistir as suas aulas. Concentrei minhas observações nas aulas do projeto “Construção da Palavra”, que tinha o objetivo, segundo a professora, de “ensinar a ler, a escrever e a interpretar o mundo por meio de jogos e dinâmicas de grupo”.

A partir do acompanhamento de uma turma pude observar o desempenho global dos alunos, tanto em relação ao comportamento como ao rendimento escolar, em várias

⁷ Segundo o INEP Data escola Brasil 2005, o índice de repetência da escola é de 54%.

disciplinas, bem como pude observar a trajetória escolar de alguns desses alunos nas séries posteriores em um outro “projeto” desenvolvido por professores da escola: o pré-vestibular.

Desta maneira, o segundo projeto acompanhado foi o pré-vestibular, que tem como objetivo preparar os alunos de algumas turmas regulares de 3ª série “interessados” em prestar o vestibular das universidades públicas. O que me possibilitou refletir sobre o processo pelo qual os professores atribuem a determinados estudantes a classificação de “interessados” e de “bons alunos” e sobre como tal classificação influencia nas perspectivas acadêmicas destes alunos.

As análises de Schwartzman e Oliveira (2002), que apontam para a necessidade de confrontar discursos e práticas internos e externos a escola a fim de compreender as lógicas de funcionamento que permeiam o ambiente escolar, me ajudaram a pensar sobre como as práticas desenvolvidas, especialmente na sala de aula, podem impactar o desempenho cognitivo dos alunos.

À luz da reflexão de Sá Earp (2006), que desenvolveu um estudo sobre a influência do chamado “efeito pigmalião”⁸, ou seja, do impacto das expectativas dos professores sobre o desempenho escolar dos alunos, procuro avançar na reflexão em torno das saídas propostas pelos professores e pela escola para enfrentar o obstáculo da não aprendizagem e da reprovação. Também me proponho a pensar se tais estratégias atuam como mecanismos de inclusão e de mobilidade educacional e social.

“Construção da Palavra”

O projeto “Construção da Palavra” é considerado pelas diretoras como um dos diferenciais da escola, pois segundo elas, é capaz de “*ensinar a quem não sabe*”. Este projeto foi elaborado por Marta⁹, professora de português da 1ª série, que afirmou estar insatisfeita com as dificuldades trazidas pelos alunos do ensino fundamental. Marta destacou que “*seus alunos lêem e escrevem mal*”, por isso, resolveu pôr em prática um programa de ensino alternativo que parte do conteúdo que os alunos já assimilaram nas séries anteriores.

“Nosso Programa é composto por itens presentes na realidade do aluno. Começamos pela linguagem não-verbal, com figuras, textos curtos. Demonstramos que assim como a figura tem significado dentro de um contexto as palavras também têm, e assim trabalhamos com a contextualização. Depois usamos histórias em quadrinhos, charges e propagandas. Também usamos jogos, dinâmicas, montagens, com

⁸ De acordo com Sá Earp (2006), desde a pesquisa de Rosenthal e Jacobson (1968), sabe-se que a predição do professor sobre o desempenho do aluno tende a influenciar não só a avaliação que faz a seu respeito como também o desempenho efetivo do aluno.

⁹ Os nomes utilizados neste trabalho são fictícios.

pequenos conceitos gramaticais. Aprendemos fonema, letra, frase, metáfora, sem dar nome às coisas... Nosso objetivo é mostrar para os alunos que eles são capazes de ler, escrever e ter confiança. Se no final conseguirmos que o aluno escreva um parágrafo será uma grande vitória.”

As aulas de português pareciam as preferidas dos alunos. A professora modificava a organização da sala de aula fazendo com que os alunos, ao invés de ficarem enfileirados uns atrás dos outros, formassem pequenos grupos ou então organizava as carteiras da sala em semicírculo.

As primeiras aulas que assisti foram sobre ortografia. Os alunos se organizavam livremente em grupos, quando a professora exclamou: *“Hoje, vamos ter um jogo das palavras. Antes de começar leiam o manual.”* A princípio, os alunos não imaginavam como seria este jogo, mas poucos minutos depois, reagiam como se estivessem num momento de confraternização, onde podiam conversar com os colegas e estudar juntos.

Cada grupo tinha que ler as regras do jogo e estava incumbido de escrever o maior número de palavras corretas. Os alunos trabalhavam em equipe, a partir da seguinte dinâmica: tinham que dividir as cartas entre si, nas quais estariam contidas as palavras que os colegas teriam que escrever. Enquanto um ditava, os outros escreviam e depois mostravam para o grupo, para que fosse corrigido. Quem errasse teria que escrever a palavra novamente. Eles usavam um tabuleiro no qual marcavam, cada um com um cone colorido, sua posição na pequena “estrada” que os levariam a vitória no jogo. Ganhava aquele que errasse menos.

Os alunos puderam diferenciar palavras com “g” e “j”, “s”, “ss” e “ç”, “x” e “ch”. Marta dizia que ao invés de pedir para que os alunos gravassem regras, preferia que eles se familiarizassem com as palavras. Em outras aulas, ela trazia textos, crônicas e poemas que eram lidos em voz alta por todos os alunos, já que cada um lia um trecho.

As aulas desta professora podem ser pensadas segundo a metáfora da professora “muito maluquinha” das histórias infantis de Ziraldo¹⁰, onde a professora “maluquinha” propunha jogos, dividia a turma em times, tentava conquistar o carinho dos alunos e, tal como Marta, se empenhava para que todos aprendessem a ler.

Para tanto, a professora “muito maluquinha” lia poemas, romances, gibis e os levava ao cinema. Ziraldo chama a atenção para a resistência das outras professoras da escola, que reclamavam do barulho dos alunos e das atividades propostas pela “professora maluquinha”. Na escola pesquisada, a maioria dos professores das outras disciplinas não concordava com os

¹⁰ Sobre isso ver PINTO (1995).

métodos e avaliações utilizados por Marta, que não conseguiu estimular os outros professores a realizarem um trabalho semelhante.

Apesar das dificuldades, esta professora era querida pelos alunos, que não escondiam a admiração por sua postura firme e pelo incentivo, sempre presente em suas palavras. Nas entrevistas realizadas com alunos desta turma, todos a caracterizavam como boa professora por ser descontraída, se interessar pelos problemas deles, mesmo exigindo atenção. A representante da turma enfatizou: *“Ela faz com que os alunos prestem atenção durante a aula, incentiva, explica bem, exemplifica a matéria. A boa aula deve ser agradável.”*

Segundo Soares (2005), a escola faz diferença quando possui um conjunto de características que influenciam positivamente na vida do aluno, como o comprometimento do professor e a percepção dos problemas internos e externos a sala de aula por parte da escola. Estes fatores, quando associados, melhoram o desempenho acadêmico dos alunos. Assim, pude constatar que as práticas do projeto de português melhoravam o desempenho dos alunos nesta disciplina, mas, como os demais professores não agiam do mesmo modo, os alunos encontravam dificuldades nas outras aulas que consideravam desmotivadoras.

Enquanto a professora Marta avaliava seus alunos ao longo das tarefas e dos jogos realizados em sala, estimulava trabalhos em grupo de pesquisa e atribuía baixo peso no conjunto de notas à prova bimestral; os demais professores permaneciam aplicando testes e provas individuais e sem consulta, nos quais o conteúdo exigido se referia ao programa estudado em todo o bimestre e atribuía notas de acordo com o que consideravam que o aluno ideal deveria ter aprendido.

A professora Marta sabia da resistência que encontrava com os demais professores que acreditavam que *“os alunos não aprendiam porque não estudavam”*, mas tentava estimular seus colegas a diferenciar os recursos didáticos usados em sala de aula para que, segundo ela, ao menos eles pudessem comparar o desempenho dos seus alunos quando tinham uma aula expositiva com as experiências nas quais os alunos tinham que realizar pesquisas e produzir redações e poesias. Esta iniciativa se aproxima do que Castro & Tiezzi (2005) apontam como o grande desafio do processo pedagógico. Segundo os autores, a inovação na gestão da sala de aula a fim de desenvolver novos recursos e metodologias curriculares, bem como uma *“cultura de planejamento escolar”*, pode impulsionar a aprendizagem dos alunos.

A professora de história Mariluce era a que mais tentava seguir as idéias de Marta. Numa das turmas, caracterizada como fraca nas avaliações, os alunos superaram as expectativas dos professores, que no conselho de classe¹¹, a haviam avaliado como sendo *“fraca”*. Os alunos foram instigados a elaborar algumas paródias baseadas no tema: *“As*

¹¹Para uma análise do ritual do Conselho de Classe ver Sá Earp (2006).

relações sociais no Brasil colônia e o tráfico negreiro.” No processo de elaboração deste trabalho, notei vários grupos discutindo, ensaiando e cobrando empenho dos colegas. No dia da apresentação um dos grupos, composto por seis meninas, destacou-se por ter elaborado, segundo Mariluce, um trabalho bem elaborado e criativo. Depois de saberem que tinham tirado a nota máxima, as alunas ficaram radiantes e cantaram a paródia de “*Tô nem aí*” da cantora *Luka*:

*“De mãos atadas, ficava o povo
Pois a família girava em torno do pai
Ele mandava em tudo, em todos
E quem não obedecia, não vivia mais*

*O fidalgo não sabia de trabalho, só de valores morais ôôô
E os trabalhadores escravizados não agüentavam mais
Era uma luta de classes...*

*E foi assim, e foi assim
Que prevaleceu o trabalho escravo dentro do país
E foi assim, e foi assim
Que eles tiravam os negros da sua raiz (...)*”

Por mais que os outros professores criticassem o desempenho das turmas da 1ª série, as aulas de português e de história eram as que mais permitiam que os alunos discutissem entre si e elaborassem trabalhos de pesquisa. Esta iniciativa se aproxima do que Castro & Tiezzi (2005) apontam como o grande desafio do processo pedagógico. Segundo os autores, a inovação na gestão da sala de aula a fim de desenvolver novos recursos e metodologias curriculares, bem como uma *cultura* de planejamento escolar, pode impulsionar a aprendizagem dos alunos.

As práticas alternativas, como as propostas pela professora de português, surtiram efeitos positivos no desempenho escolar, pois todos os alunos alcançaram os objetivos principais de leitura e escrita. No entanto, como não obtiveram boa avaliação com os demais professores, vários alunos ficaram retidos na 1ª série.

A constante retenção dos alunos nas séries iniciais, fenômeno identificado por Ribeiro (1991), nos final dos anos 1980, como *pedagogia da repetência*, apresenta-se como uma prática inerente ao sistema e que impede o avanço dos alunos através de obstáculos impostos pelo próprio sistema de ensino brasileiro. Ribeiro (1991), ao problematizar a repetência, aponta que a repetência é fenômeno atribuído ao indivíduo, a uma incompetência do aluno ou dos pais e raramente é atribuído ao sistema, aos professores e à sua formação ou à organização escolar.

Na turma pesquisada, os alunos que repetiram à série foram classificados pelos professores das outras disciplinas como: “*desinteressados*” e “*fraquinhos*”. Os alunos, em sua maioria, incorporaram este discurso dizendo que “*deveriam ter estudado mais*”. A repetência parece ser vista, segundo estes alunos, como uma punição, o que pode ser atribuído às práticas de controle e de autoridade que permanecem no sistema de ensino como forma de avaliação. O projeto “Construção da Palavra”, ao sugerir aulas que se distanciam do “cuspe e giz” e avaliações mais flexíveis pode se apresentar como uma estratégia para estimular os alunos pelo que é ensinado e para conter a *pedagogia da repetência*.

Nas aulas de português, me aproximei de duas alunas que sempre pareciam dispostas a conversar sobre as aulas e sobre suas expectativas futuras. Quando as conheci, Tânia e Karina estavam com 16 anos; cursavam a 1ª série do ensino médio.

Tânia afirmou gostar muito da escola por causa das amizades que fez e também porque considera algumas aulas interessantes, como as de português, pois a professora *incentiva e ajuda o aluno a aprender*. Ela se considera boa aluna, pois, segundo ela, *não atrapalha a aula, faz os exercícios, presta atenção e estuda a semana toda quando tem provas*. Tânia tirou algumas notas baixas, porque estava se habitando ao ritmo da escola. “*Aqui não dá para brincar, os professores cobram. O grande problema é o desinteresse dos alunos, que não querem nada, por isso que ficam reprovados tantas vezes.*” Quando perguntei sobre sua cor, Tânia enfatizou: “*Sou negra mesmo, é o que dizem. Eu adoro minha cor, nunca sofri preconceito.*” Quando estive na turma de Tânia, sempre a observava cuidar dos cabelos, enfeitando-os com tiaras e presilhas, além de pintar as unhas e usar várias bijuterias. Durante as aulas, ela fazia as tarefas pedidas, mas quase não fazia perguntas aos professores.

Assim como Tânia, Karina se autodeclarou negra. Segundo ela, os negros sofrem preconceito racial, mas isso não justifica uma política de cotas raciais, pois para ela, qualquer um pode conseguir entrar na universidade, como é o caso de seu irmão que é pós-graduado em Engenharia.

Karina como representante de turma ajuda na distribuição do lanche para os seus colegas. Ela afirmou gostar das aulas, principalmente daquelas em que *os professores explicam de verdade e não ficam só escrevendo no quadro*. Karina não se considera uma boa aluna porque acha que *deveria estudar mais*, embora Tânia tenha afirmado que Karina é boa aluna porque *tira boas notas*. Karina considera a *reprovação como um problema dos alunos que não querem estudar*. As duas alunas afirmaram que pretendem estudar numa universidade pública, Tânia cursando Psicologia e Karina Engenharia química.

As alunas parecem associar o aprendizado ao tipo de relação estabelecida com o professor. Caso haja uma relação amistosa em que haja um interesse mútuo há uma maior chance dos alunos entenderem o que é ensinado. Nos casos em que os professores são indiferentes, mas passam o conteúdo, os alunos é que teriam a obrigação de copiar, estudar sozinhos ou em pequenos grupos. Por mais que os discursos dos alunos apontem que a postura individual influencia na forma como o aprendizado é incorporado, as trocas estabelecidas entre professores e alunos na sala de aula parecem ter uma contribuição maior para que alguns aprendam mais e outros menos.

Estas alunas optaram por participar de uma das turmas regulares de 3ª série do projeto pré-vestibular. As turmas do projeto passaram a ser associadas, pelos professores e também pelos demais alunos, como as melhores da escola. Em 2006, acompanhei a turma 3004, do turno da manhã, que inicialmente chamou-me a atenção pelo fato do professores comentarem: “*Esta é uma turma de projeto alto nível. É uma das melhores*”.

O pré-vestibular

Este projeto se diferencia daquele intitulado “Construção da palavra”, por ter como objetivo a preparação de algumas turmas de 3ª série para os vestibulares das universidades públicas. Do total de 17 turmas de 3ª série em 2006, apenas 4 eram voltadas para o vestibular. Enquanto no projeto “Construção da Palavra” pretendia-se ensinar, através de práticas inovadoras, no projeto pré-vestibular esperava-se reforçar os conhecimentos que os alunos já tinham e prepará-los para disputar vagas em universidades bem conceituadas.

Segundo o professor de inglês, que foi ex-aluno desta escola, a idéia de formar turmas *especiais* surgiu num conselho de classe, nos anos 1990, quando os professores discutiam as diferentes expectativas dos alunos em relação ao que era ensinado. A partir de então, os professores e a direção decidiram que os alunos poderiam escolher, na renovação da matrícula para a 3ª série, se gostariam de participar ou não destas turmas. Pelo que pude observar, os alunos que se inscrevem, são os que, em geral, ao longo das duas primeiras séries, atenderam às expectativas de seus professores, seja pelo comportamento seja pelo rendimento escolar. São alunos que, em sua maioria, tiraram notas acima da média, foram indicados e incentivados, principalmente pelo professor de matemática, a participarem do projeto.

Os professores do pré-vestibular afirmam que este é um *projeto de qualidade*, pois se, por um lado, acreditam que seus alunos têm chances reais de serem aprovados, por outro, parecem atribuir à qualidade do projeto à dedicação e à competência profissional deles próprios.

Nas aulas, os professores das áreas exatas geralmente explicavam a matéria no quadro e passavam uma série de exercícios específicos. Os das áreas humanas incentivavam as discussões e os questionamentos dos alunos. As provas eram preparadas de acordo com o modelo dos principais vestibulares do país. As avaliações dos professores, principalmente as de matemática e de química, eram temidas pelos alunos, que afirmavam que seus professores eram muito rígidos. O que acarretou um percentual alto de alunos com dificuldades nestas disciplinas.

A aula de matemática era a mais comentada pelos alunos, pois o professor Marcos era conhecido por ser rígido nas suas avaliações e por passar muitos exercícios de vestibulares. Nas aulas, no momento da correção dos exercícios, o professor chamava a maioria dos alunos pelo nome e perguntava se sabiam responder. Quando alguém não sabia, ele dizia: *“Quem sabe então? Vai no quadro e resolve.”* Muitos alunos conseguiam acompanhar o ritmo intenso do professor, mas outros não. Um aluno com dúvida perguntou: *“Como o senhor quer que a gente faça uma revisão dos sistemas de 2ª grau se eu nem aprendi isso no ano passado.”* Marcos respondeu: *“Pessoal, não posso parar. Senão prejudico a turma. Me procurem na hora do recreio, que eu tento tirar as dúvidas.”*

O professor de matemática sempre destacava os ex-alunos do projeto que foram aprovados no vestibular e que seguiram carreiras prestigiadas no mercado de trabalho e na carreira acadêmica. Durante as aulas, Marcos costumava perguntar a carreira que cada um pretendia seguir. Mas, enfatizava: *“Todos vocês vão ser Engenheiros. Mas, se alguém tiver em dúvida, eu sempre organizo palestras com ex-alunos da escola que estão na Universidade. Mas, é claro que as carreiras tecnológicas são as que pagam melhor.”* A maioria dos alunos parecia entusiasmada com as áreas exatas, provavelmente influenciados pelo professor.

Acredito que os professores, como o de matemática, criaram uma expectativa tão positiva em relação a seus alunos, que eles podem ter deixado em segundo plano as dificuldades individuais que os estudantes tinham sobre as matérias dadas. Ao mesmo tempo, também pude verificar que os alunos incorporaram o discurso de que a responsabilidade do estudo é deles próprios. Uma aluna entrevistada disse: *“Se alguém não entendeu a matéria tem que correr atrás. A turma do projeto é para estudar”.*

Quando boa parte dos alunos não apresentou um bom rendimento nas primeiras avaliações, os professores destacaram que eles não se “esforçaram” o suficiente. A estratégia utilizada pelos professores para tirar as dúvidas dos que apresentavam baixo desempenho foi a de incluir aulas extras à tarde e aos sábados.

Assim, de acordo com os discursos de professores e alunos, pode-se perceber que eles parecem acreditar que através de atividades práticas, como a realização de mais exercícios e a

inclusão de mais aulas extras, o desempenho dos alunos nas avaliações pode melhorar. Processo este que alunos e professores associam ao esforço e ao comprometimento de cada aluno. Segundo Barbosa (1996), a avaliação pelo mérito é considerada legítima como critério de hierarquização nas sociedades modernas, na medida em que cada indivíduo deveria ser avaliado pelo seu desempenho. Mas, uma das questões que se apresenta é se para além de uma ideologia meritocrática vigoram outros mecanismos inerentes ao sistema escolar que interferem na avaliação e que impedem que parte dos alunos conclua com sucesso sua trajetória. Como é o caso da predileção de alguns professores por determinados alunos que apresentam características específicas valorizadas, como o que os professores descrevem como o “interesse” e a “participação” nas aulas, o que pode vir a influenciar a avaliação feita sobre um aluno ou sobre um determinado grupo de alunos.

Na turma acompanhada, alguns alunos eram elogiados por terem um perfil típico que correspondia ao que os professores diziam acreditar ser o de “bons alunos”, pois eram considerados “esforçados”, “participativos”, “disciplinados”, “realizavam as tarefas de casa”, “estudavam antes da prova”. De uma forma geral, eram as meninas que se destacavam, em particular um grupo de 4 alunas que costumava sentar-se nas duas primeiras fileiras atrás da mesa do professor, no canto direito da sala. O restante dos alunos também apresentava características de “bons alunos”, mas em algumas aulas, como a de matemática, o foco da atenção do professor era voltado para esse grupo.

As alunas Paloma e Maria estabeleciam uma relação muito amistosa com os professores do pré-vestibular, principalmente com Marcos. Maria gostava tanto das aulas de Marcos, que, durante a entrevista, ela comentou:

“No 2º ano, eu conheci o professor Marcos que foi fundamental para a minha vida. Ele foi o pai que eu queria ter. Eu gosto muito do Marcos porque ele tenta orientar os alunos, mas você tem que ter uma boa base para entender o que ele está explicando. Ele sempre fala que a gente vai passar no vestibular. Isso para mim é mais que um incentivo é uma obrigação.”

Tânia e Karina, que participaram do projeto “Construção da Palavra”, apresentaram percursos distintos. Enquanto Tânia foi aprovada para o curso de Psicologia na UERJ, Karina engravidou no início da 3ª série e teve que interromper os estudos por um período, mas garantiu que voltaria para a escola e tentaria o vestibular no próximo ano.

Paloma foi aprovada para o curso de Desenho Industrial na Faculdade Estácio de Sá com bolsa integral concedida pelo PROUNI¹², mas Maria não conseguiu ser aprovada para Engenharia Metalúrgica. Maria continuou a trabalhar como estagiária numa locadora e disse que continuaria tentando o vestibular até ser aprovada na UFRJ.

Os alunos que apresentaram bom desempenho parecem ter sido aqueles cujos professores acreditavam que eles poderiam aprender. Em relação ao conjunto dos alunos que participou do projeto, em torno de 20% deles foram aprovados, de modo que pelo menos 22 passaram para universidades públicas e 4 para particulares, tendo recebido o apoio do PROUNI.

Barbosa & Randall (2004: 299), destacam que, na sociologia da educação, há investigações a cerca do impacto das expectativas dos professores sobre a trajetória dos alunos: “(...) com especial relevância para o chamado ‘efeito pigmalião’, através do qual essas expectativas se tornam profecias autocumpridas.” Deste modo, as expectativas elevadas deste professor, pode ter influenciado os alunos de tal maneira que eles podem ter internalizado a idéia de que eram de fato bons alunos.

O discurso apresentado pelos professores de que os alunos podem escolher ou não participar das turmas do pré-vestibular reflete um dos mecanismos de diferenciação que estruturam o sistema escolar, que atribuem maior legitimidade aos percursos construídos de acordo com critérios de desempenho e de mérito, enquanto os alunos com dificuldades seguem trajetórias mais ou menos desvalorizadas no interior da hierarquia escolar (Dubet, 2003). Estas observações me levaram a refletir sobre alguns dos aspectos da *cultura escolar*, pois ao procurar capacitar e estimular os “melhores” alunos, parece que a escola considera a aprovação numa universidade como um objetivo a ser atingido por uma pequena elite.

Considerações finais

Os dois projetos estudados revelam que a escola estudada, com todas as dificuldades que tem, busca caminhos alternativos às práticas comumente adotadas e que levam ao mau aprendizado e à repetência. Esses projetos são inovadores na medida em que definem metas capazes de contribuir tanto para o estímulo como para a aprendizagem de seus alunos, além de os incentivarem a cursar o ensino superior.

No caso do projeto pré-vestibular, pude notar que este era direcionado para uma percentagem dos estudantes da escola. Somente aqueles que queriam participar e que eram

¹² O PROUNI (Programa Universidade para todos) foi elaborado pelo Governo Lula com o objetivo de conceder bolsas de estudo em universidades particulares para alunos oriundos de escolas públicas e de baixa renda que alcançaram à aprovação no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

“bons alunos” conseguiam se manter nestas turmas. Esse projeto, diferentemente do primeiro, que pretende ensinar a ler e a escrever a todos os alunos, tem como objetivo formar um grupo de alunos para passar e ir para a universidade. O que parece distinguir os projetos e as turmas está relacionado mais com a atuação e as expectativas dos professores em relação a seus alunos do que com diferenças quanto à capacidade cognitiva desses estudantes.

Barbosa (2005), aponta que a expectativa (elevada) dos professores e as estratégias de acompanhamento do progresso dos alunos são alguns dos indicadores que contribuem para a qualidade da escola e para o rendimento dos alunos. Para a autora, a escola eficaz seria aquela cujos professores são capazes de cumprir as tarefas de ordem pedagógica, contribuindo assim para que os alunos apresentem um desempenho médio superior aos demais. Pode-se observar a centralidade que os professores assumem na lógica de funcionamento escolar e como a realização de planos escolares objetivos e bem compreendidos pode influenciar o andamento da sala de aula.

Segundo o discurso docente, o aprendizado parece estar associado a uma “vontade de aprender” do aluno, ao seu “interesse”. De acordo com os professores, é “só o aluno querer que ele aprende”, o “bom aluno é o interessado”. Mas, o que a pesquisa revelou foi que a crença dos professores de que os alunos podem aprender faz a diferença na qualidade do que é ensinado e, conseqüentemente, aprendido. Para Sá Earp (2006), a avaliação que os professores fazem sobre o desempenho dos alunos tem sua eficácia na medida em que pode afetar positiva ou negativamente o desempenho efetivo dos alunos. Processo este que é legitimado nos conselhos de classe, na medida em que os professores atribuem valores morais ao desempenho escolar.

Por mais que os professores pareçam acreditar que é o “o interesse” dos alunos que contribui para um bom desempenho, pode-se perceber que são nas relações estabelecidas em sala de aula que os alunos se tornam mais ou menos estimulados a aprender. Assim, pode-se pensar que os alunos considerados “interessados” são os que ao longo de sua trajetória escolar foram incentivados por seus professores em sala de aula e que corresponderam às expectativas positivas atribuídas por eles.

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, Livia. Meritocracia à brasileira: o que é desempenho no Brasil? *Revista do Serviço Público*, nº 3, v. 120, ano 47, 1996.

BARBOSA, M. L. & RANDALL, L. Desigualdades sociais e a formação de expectativas familiares e de professores. *Caderno CRH*. Salvador, v. 17, nº 41, p. 299- 308, 2004.

BARBOSA, M. L. A Qualidade da escola e as desigualdades raciais no Brasil. In: *Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA/ Ford Foundation, p. 93-120, 2005.

CASTRO, M. H. G. de & TIEZZI, S. A reforma do ensino médio e a implantação do Enem no Brasil. In: SCWARTZMAN, S. & BROCK, C. (org.) In: *Os desafios da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

DUBET, F. A escola e a exclusão. *Cadernos de pesquisa*, nº 119, pg. 29-45, julho/2003.

DURKHEIM, É. *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

FORQUIN, J. C. *Sociologia da Educação: 10 anos de pesquisa*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

MAGGIE, Y. Os Novos Bacharéis: O Movimento Pré-vestibular para negros e carentes, *Revista Novos Estudos- CEBRAP*, n.59, páginas 193-202, março 2001.

_____. A escola vista por dentro: Relatório 2006. In: Seminário da Rede Observa: Acompanhando as ações afirmativas no ensino superior. Disponível em: <http://www.observa.ifcs.urfj.br>. Acesso em: 16/07/2006.

MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

PINTO, Z. A. *Uma professora muito maluquinha*. 6ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

RIBEIRO, S. C. A Pedagogia da Repetência. *Estudos Avançados*. USP, v. 5, nº12, p. 7-18, 1991.

SÁ EARP, M. de L. *A cultura da repetência em escolas cariocas*. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural) – Programa de Pós-graduação em Antropologia e Sociologia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

SCWARTZMAN, S. & OLIVEIRA, J. B. *A escola vista por dentro*. Belo Horizonte: Alfa Educativa Editora, 2002.

SCWARTZMAN, S. & BROCK, C. (org.) *Os desafios da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SILVA, N. do V. Expansão escolar e estratificação educacional no Brasil. In: HASENBALG, C. & SILVA, N. do V. (org.) In: *Origens e Destinos: Desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks, p. 105-146, 2003.

SOARES, J. F. “Qualidade e equidade na educação básica brasileira: fatos e possibilidades.” In: SCWARTZMAN, S. & BROCK, C. (org.) In: *Os desafios da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 91-117, 2005.